

ENTREVISTA COM PROF. DR. CHARLEI SILVA.

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (MS). Coordenador do XIV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (SBGFA), que se deu entre 11 a 16/07 de 2012, na UFGD, no Município de Dourados (MS), tendo como tema maior: “Dinâmicas Socioambientais, das Inter-relações às Interdependências”.

E-L: Professor, fale um pouco de sua pessoa.

CS: Nascimento: Santa Fé do Sul foi onde nasci, no dia 25 de agosto de 1969, um ano impar e de grandes transformações em vários aspectos. Minhas lembranças de infância não são de Santa Fé, mas da Zona Leste de São Paulo e de Rio Claro, local onde passei a maior parte de minha vida, lugar onde fiz minha graduação.

Origem familiar: Pouco a dizer, irmão do meio de três filhos. O primeiro a concluir um curso superior e o único a fazer um doutorado, ou, como sempre brinco “a virá *dotô*”. Como tantos outros *filhos*, estudei em escola pública toda minha vida e isso foi fundamental em minha trajetória. Meus pais, minha família, deram-me o caráter, a educação formal a possibilidade de ver o mundo com outros olhos e transformar minha vida e, ao mesmo tempo, daqueles que estão ao meu lado nesse caminhar, o qual acredito ainda é muito longo.

Resumo da Formação Acadêmica: A Geografia não está na minha vida por acaso, minhas melhores lembranças de infância estão ligadas a ela. Diferente de muitos, não foi um grande professor de Geografia que me a apresentou, que mostrou o mundo e suas possibilidades, sua riqueza e o rico complexo da relação do homem com a natureza. Essa pessoa foi meu pai; autodidata, meu pai foi o topógrafo mais competente que conheci, durante vinte anos ele foi funcionário da TERRAFOTO, empresa de aerolevamentos do Estado de São Paulo, uma das únicas nos anos de 1970 e parte de 1980. Ao lado de meu pai, no exercício de seu trabalho, tive o privilégio de conhecer parte do Brasil, um Brasil desconhecido aos olhos de uma criança – talvez por isso me identifique tanto com o livro *O que é ser geógrafo* de Aziz Ab’Saber. A escolha pela Geografia levou-me a Presidente Prudente em 1990, onde estudei por um ano e vivi intensamente a Universidade, participando do movimento estudantil e conhecendo jovens pró-ativos ávidos por mudar suas vidas e o mundo. No segundo ano de graduação pedi transferência para o curso de Geografia da Unesp de Rio Claro, pois desejava especializar-me nas áreas *técnicas*, em Geografia Física e o curso de Rio Claro naquele momento era mais voltado para esse campo da Geografia. Em Rio Claro também fiz meu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geociências, tendo como base a Climatologia. Quando terminado essa etapa, desejava aprofundar-me na parte teórica da Geogra-

fia Física, assim participei do primeiro processo de seleção da pós-graduação em Geografia da Unicamp no ano de 2002, aprovado passei a desenvolver minha tese de doutoramento, tendo como estrutura a discussão sistêmica, a Teoria Geral dos Sistemas. Ao término do doutorado, em 2006, tive a certeza de estar preparado para o exercício da docência e da pesquisa, para os desafios que me trouxeram ao Mato Grosso do Sul, trabalhar na UFGD, o que faço desde fevereiro de 2008, no curso de graduação em Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia, atuando na área de Geografia Física, tendo como campo de pesquisa a Climatologia e a Análise de Sistemas Ambientais.

E-L: O que significou do ponto de vista político e acadêmico a realização do XIV SBGFA na UFGD, tanto para os rumos da Geografia Física quanto para a realidade da UFGD?

CS: A pergunta não é simples, espero dar conta das duas esferas: o político e o acadêmico. Para a UFGD, para nossos alunos de graduação e pós-graduação, foi um momento muito impar, não só pelo envolvimento com a organização, por terem a oportunidade de participar da construção de um projeto comum, mas por terem a oportunidade de conhecerem intelectuais de grande renome da Geografia, de conviverem com estudantes e pesquisadores de todo o Brasil, de trocarem experiência e de vivenciarem a Geografia num contexto mais amplo que o cotidiano das aulas. O SBGFA permitiu a eles o desvelar de facetas da Geografia, seus campos de pesquisa e as possibilidades possíveis, quem dera pudéssemos oferecer isso a todas as turmas de forma periódica. Nos dias da realização do evento muitas descobertas foram feitas, parte delas ficará presente em suas vidas como profissionais. Ainda no âmbito acadêmico, o SBGFA permitiu que a Geografia produzida, realizada na UFGD, fosse conhecida, muitos dos pesquisadores que vieram ao evento, seja como convidado ou simposista, não conhecia a UFGD e a partir do evento a potencialidade existente passou a ter visibilidade e isso, sem dúvida, no que se refere à Geografia Física, foi um marco. Este Simpósio estabeleceu princípios importantes para as próximas edições, o logo utilizado e o ISSN, por exemplo, não poderão ser mais alterados, isso a fim de qualificar o evento, isso sem falar na estrutura montada para sua organização. Foram dias de grande efervescência, que só foi possível devido ao trabalho árduo de todos os docentes e acadêmicos da Geografia da UFGD.

E-L: Quais foram as principais dificuldades de organizar e sediar um evento desse tamanho numa cidade fronteiriça na periferia dos grandes centros acadêmicos brasileiros?

CS: Organizar um evento para mais de mil pessoas em qualquer lugar não é fácil, aqueles que já participaram de comissões organizadoras sabem disso. O processo para realização de um evento é muito complexo, inclui dois campos claros: um envolvendo a logística e outro a estrutura acadêmica. No caso do deste Simpósio, ficou muito claro que a estrutura criada

pela comissão organizadora permitiu dar conta dessas duas esferas com profissionalismo e competência. Não menos importante, já havia um capital, uma experiência acumulada por parte dos técnicos, alunos e docentes na realização de eventos que foi fundamental para a realização do XIV SBGFA. Então, a maior dificuldade foi no momento da candidatura, convencer os pesquisadores presentes no XIII SBGFA, que se deu em Viçosa (MG), sobre o real potencial da Geografia de Dourados e sua capacidade de organizar o evento. Somadas todas as edições do SBGFA três décadas haviam se passado e o Centro-Oeste sediou o evento apenas uma vez, na cidade de Goiânia em 1995. Hoje, avaliando o processo de candidatura da UFGD, percebo que foi muito bom para todos aqueles que vieram ao XIV SBGFA.

E-L: Quais foram os avanços e contribuições que entendeu surgirem do XIV SBGFA em Dourados (MS)?

CS: A realização do XIV SBGFA foi uma decisão, um projeto dos pesquisadores da Geografia de Dourados, esse registro é importante, histórico. A base desse projeto foi o fortalecimento da graduação e da pós-graduação, o projeto previa dar visibilidade e criar condições internas e externas para consolidação do Programa de Pós-Graduação em Geografia, principalmente na área de Geografia Física, que ainda tinha e tem muito por crescer e contribuir na UFGD. Assim, não tenho dúvidas que o grande avanço foi termos conseguido demonstrar, no âmbito nacional, que há um projeto de longo prazo que envolve a oferta de um curso de graduação e uma pós-graduação cujos princípios se baseiam na qualidade daquilo que é ofertado e o compromisso de todos os docentes no processo de formação. Isoladamente, internamente, o crescimento da Geografia Física foi exponencial depois do XIV SBGFA, muito se passou a produzir no LGF (Laboratório de Geografia Física), o resultado se materializa quando observamos o número de publicações, as monografias e as dissertações defendidas.

E-L: Quais foram os referenciais que levaram a definição do Tema “Dinâmicas Socioambientais, das Inter-relações às Interdependências” para este XIV SBGFA?

CS: Essa pergunta é de fato muito apropriada, quando o tema foi apresentado em Viçosa foi muito bem aceito, todavia, posteriormente, quando da efetivação dos trabalhos, críticas isoladas e sem fundamento surgiram. A inclusão de “*dinâmicas socioambientais*” no contexto do tema central passou a ser questionada, condição que a *Comissão Organizadora* fez questão de contra-argumentar e defender a proposição da temática, isso fez com que as críticas se diluíssem na mesma velocidade que foram construídas. A proposição do tema sempre teve como fundamento e ideia de inter-relação dos fenômenos da natureza e da sociedade, de uma Geografia Física de fato *aplicada* no contexto *stricto sensu*. A articulação do tema dentro da UFGD partiu desse princípio, isso norteou a proposição das conferências, das mesas de debate e também os eixos temáticos. Ou seja, o princípio posto para o XIVSBGFA foi discutir Geografia tendo como fundamento trabalhos cuja base epistemológica

e as técnicas de análise estão dentro da Geografia Física. A Comissão Organizadora não desejava fazer do XIV SBGFA uma extensão dos eventos de climatologia, geomorfologia, cartografia, geoprocessamento, desejávamos buscar a essência da proposição do conceito de *Geografia Física Aplicada*, pró-ativa e capaz de contribuir com a sociedade no que diz respeito a diversas esferas e campos, principalmente no que se refere a discussão ambiental. Acredito que esse objetivo foi conseguido, ao todo foram inscritos mais de mil trabalhos, áreas que estavam distantes, pouco apareciam nas edições anteriores, como estudos de biogeografia, pedologia e cartografia se fizeram presentes e tiveram participação efetiva – condição gratificante para a organização.

E-L: Por que o nome Geografia Física Aplicada? Em que essa denominação se distingue de outros tipos de Geografias Físicas ou não aplicadas?

CS: Parte da resposta dessa pergunta está na proposição do tema da edição de 2011 quando propusemos “*Dinâmicas Socioambientais, das Inter-relações às Interdependências*”, mas para ser mais preciso tenho que buscar o contexto histórico da primeira edição realizada em Rio Claro no início dos anos de 1980 e organizada sob a responsabilidade do *Prof. Antonio Christofolletti* do Departamento de Geografia da Unesp de Rio Claro. Nas conversas estabelecidas com alguns dos fundadores do evento, ou mesmo que participaram das primeiras edições, percebeu-se que a proposta do evento sempre foi dar visibilidade ao trabalho e a rica contribuição que os estudos de Geografia Física podem dar a sociedade, indo além do acadêmico, atuando no campo do diagnóstico e da proposição, subsidiando a resolução de problemas, contribuindo muito no entendimento da relação homem-natureza. A aplicação de técnicas e metodologias nesse sentido torna-se um contexto importante dentro dos trabalhos apresentados no evento. Ou seja, o adjetivo “*aplicada*”, nesse caso, surge como a necessidade dos estudos incorporarem constantemente novas técnicas e ultrapassarem os limites postos no âmbito acadêmico.

E-L: Como entende o atual estágio da Geografia Física em relação à Geografia em Geral praticada no Brasil?

CS: Acredito que a Geografia Física se desenvolveu muito no que se refere à utilização de técnicas, tecnologias e no entendimento dos processos da natureza nas últimas quatro décadas. Nesse período muito se fez, e há registro de grandes contribuições epistemológicas; além disso, a incorporação de geoestatística, princípios de modelagem, geotecnologias e a possibilidade do uso de instrumentos cada vez mais precisos e sensíveis tem dado aos pesquisadores a condição de entender as dinâmicas da natureza em escalas de detalhes cada vez maior. A incorporação do conceito sistêmico aos estudos de Geomorfologia, Climatologia, Biogeografia e outras áreas da Geografia Física, permitiram ampliar e incluir gamas de possibilidades sobre o entendimento dos processos da natureza, ao mesmo tempo a sociedade passa a ser vista como capaz de influenciar nesses processos, principalmente nas escalas do

detalhe e semi-detalhe. Acredito que o próximo passo será ultrapassarmos os limites da TGS (Teoria Geral do Sistema) no que se refere à articulação das escalas e nos níveis de interdependência entre os fenômenos e os processos da natureza. Essa talvez seja a grande contribuição no futuro. Assim temos duas condições: avanços no escopo conceitual e na aplicação de técnicas; essas são aspectos fundamentais em qualquer ciência que está em constante transformação. Agregado a isso, temos de ter clareza quanto a oportunidade de incluir novas ideias, novos conceitos e tantas quantas forem às possibilidades de análise, inclusive de outras ciências, que não sejamos *preconceituosos com o novo* apenas por ser *novo*, que saibamos escutar e refletir.

E-L: Como analisa a contribuição da Geografia Física para a sociedade e para a prática da sala de aula no ensino básico?

CS: São duas coisas diferentes que podem a princípio parecerem uma só. No que se refere à contribuição para a sociedade as pesquisas tem sido capazes de demonstrar tão quanto complexo são os fenômenos da natureza e como a ação humana nas escalas de detalhes e sem detalhe influenciam nesse processo. Ações mitigadoras, políticas públicas, legislação ambiental etc. muito avançaram a partir do aprimoramento e dos estudos da Geografia Física. São inegáveis as contribuições da comunidade geográfica nesse sentido. No que se refere ao ensino da geografia temos uma lacuna a ser preenchida, mas demanda entender a Geografia tendo como base aquilo que a diferencia de outras ciências correlatas: *o entendimento da relação homem/natureza e sua espacialidade*. A mudança assim deve ter como principio ver a Geografia como a ciência capaz de explicar a natureza e as questões ambientais além do ponto de vista social, além da crítica social, e, para isso, os egressos dos cursos de Geografia, que imediatamente serão os professores e responsáveis por atuarem no ensino básico, devem estar preparados para explicar os processos da natureza, suas dinâmicas e a interrelação com os fenômenos sociais, políticos, econômicos, articulando, inserindo a espacialidade desses fenômenos de forma temporal inclusive. A contribuição da Geografia Física no ensino básico dar-se-á assim no entendimento dos limites existentes na natureza e, concomitantemente, da própria sociedade, que há uma diversidade de paisagens, que as possibilidades de exploração da natureza devem ser questionadas e entendidas mais profundamente, que a ocorrência de eventos extremos e outros fenômenos naturais estão ligados a ciclos naturais que independem da ação humana, mas, suas consequências sim.

E-L: Quais são os principais nomes da Geografia Física atualmente no Brasil?

CS: Vivemos um momento em que a ciência, o ato de fazer ciência, é muito fragmentado, depende muito da capacidade do pesquisador em se articular ou fazer pesquisa integrada, em rede, isso pouco tem permitido o surgimento de *geógrafos* ou nomes expoentes que consigam tratar das questões geográficas como *Ab 'Saber* ou *Monteiro* o fizeram, citar nomes portanto é um ato muito difícil, posso cometer equívocos ou mesmo esquecer de pesquisadores o

que seria leviano. No contexto atual há grupos de pesquisas estão desenvolvendo excelentes trabalhos cujas contribuições para a Geografia e, em especial para Geografia Física, ficarão.

E-L: Em que a Geografia Física pode contribuir de forma mais social e política para melhor se entender a questão da Fronteira, notadamente nesse Entre-Lugar do Brasil e os demais países latinos na América do Sul?

CS: Os limites impostos pela natureza quase sempre não são os mesmos colocados pela sociedade. O clima, a geomorfologia, os tipos de solo, as formações geológicas, a rede de drenagem, a distribuição da vegetação e mesmo os impactos ambientais não são estabelecidos por limites fronteiriços rígidos e, nesse sentido, a grande contribuição está em entendermos a espacialidade desses fenômenos sobre dois aspectos: sob o ponto de vista dos seus processos inerentes e da perspectiva de suas interdependências com a sociedade – esse é o grande desafio quando posto a discussão em área fronteiriça. No caso do Brasil as áreas fronteiriças não possuem estudos nas escalas de detalhe e semi-detalhe, não há se quer um banco de dados que permitam aos pesquisadores ter clareza daquilo que já foi realizado nas últimas décadas, tudo é muito incipiente. Por exemplo, não conhecemos os ritmos pluviais do Paraguai em detalhes, quando necessário ainda utilizamos a classificação do Koppen criada em 1920, nem mesmo sua geomorfologia em detalhe, as características da vegetação nativa e sua distribuição, ou mesmo o quanto ainda resta dessa vegetação; não há mapeamento desses aspectos, condição que também se aplica a outros países da América do Sul. Além disso, no que se refere à legislação ambiental temos outro agravante, não há um processo de articulação, a queima da mata nativa no Paraguai para abastecer as siderúrgicas brasileiras, a poluição atmosférica advinda dessa queima e a contaminação do solo e os mananciais, assim como o gerenciamento dos resíduos sólidos produzidos na área de fronteira são questões inerentes aos dois países que não são abordados de forma articulada, pelo contrário, com desníveis imensos de estudos e políticas locais e nacionais. Ou seja, o conhecimento dessa realidade e a identificação dessas questões, desses problemas que são complexos, que envolvem o entendimento de aspectos da natureza e da sociedade, como se articulam e estão inter-relacionados de fato seria uma grande contribuição da Geografia Física para as próximas décadas. Articularmos esses estudos no processo de formação de novos geógrafos, para melhor compreendermos aos mesmos de forma mais complexa e integrada, nos permitirá uma melhor compreensão das condicionantes que envolvem pensar, discutir e fazer *Geografia* em área fronteiriça.